

“NO MEIO DO CAMINHO...” – OS 50 ANOS DO MUSEU DE MINERALOGIA PROFESSOR DJALMA GUIMARÃES

AUTORES: LUCIANO FARIA E MÁRCIA GUIMARÃES; **COLABORAÇÃO:** ANDRÉ SIQUEIRA, LUCAS D'AMBRÓSIO, MATHEUS GRAMIGNIA, PAOLA OLIVEIRA E SAMUEL ROZA.

RESUMO:

Em 13 de agosto de 1974, era criado o Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães (MMPDG), através da Lei Municipal 2.354/1974, da cidade de Belo Horizonte, assinada pelo então prefeito Oswaldo Pieruccetti. A história de meio século, que remonta a criação da coleção, hoje guardada pelo MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal, foi alvo de novas pesquisas e olhares que vamos destacar neste trabalho. Fazemos aqui um convite à leitura sobre a criação de um importante acervo que apresenta um pouco da história da ciência da capital de Minas Gerais.

BELO HORIZONTE E OS PRIMEIROS PRÉDIOS PÚBLICOS

A nova capital de Minas Gerais surgiu em 1897 com a missão de ser um símbolo arquitetônico, modelo para futuras propostas de planejamento civil no Brasil. Sonho do governo Republicano recém-implantado, a cidade trazia um dos primeiros projetos, na América do Sul, para representar o ideal europeu de urbanismo. Logo nas primeiras décadas de vida, a 'Cidade de Minas' ganhou prédios administrativos e espaços públicos e, mais tarde, passou a ser designada 'Belo Horizonte'. O projeto colocou em prática o documento cartográfico criado anos antes, em 1895, que trazia em seu desenho avenidas paralelas com nomes de estados brasileiros, que cruzavam com outras que levavam nomes de etnias e grupos indígenas. Vários quarteirões foram resguardados para se transformar em praças e espaços públicos voltados ao lazer, seguindo a tendência francesa da época. Nestes espaços e, especificamente, na Praça da Liberdade - que mantém o conjunto administrativo proposto com o Palácio dos Governadores (ou Palácio da Liberdade) e na Secretaria do Interior (ou o Prédio Rosa, que hoje abriga o MM Gerdau) - os novos moradores da capital podiam ver como modas e tendências arquitetônicas ecléticas foram utilizadas para que se fizesse esquecer a antiga proposta colonial de ruas, bairros e vilas, estruturas comuns em cidades como Ouro Preto (Vila Rica) ou na extinta Curral del Rey. Entretanto, se hoje a antiga Villa Rica é uma 'cidade-monumento' patrimônio cultural da humanidade e tem seus prédios históricos preservados, a vila que deu lugar à capital teve mantida apenas a sede de duas fazendas, tendo sido uma delas ocupada pelo primeiro centro de memória de Belo Horizonte, o Museu Histórico Abílio Barreto, inaugurado em 1943.

A falta de espaços culturais, atividades artísticas ou mesmo de vida social era nítida e descrita por viajantes e poetas, que estranhavam tanta quietude. Mário de Andrade (1893 - 1945), em um de seus poemas sobre Belo Horizonte, assim descreve a cidade em 1924:

*Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,
Calma do noturno de Belo Horizonte...
O silêncio fresco desfolha das árvores
E orvalha o jardim só (Andrade, 1924)¹*

A vida rotineira dos primeiros habitantes se resumia ao trabalho, em funções burocráticas, e aos afazeres do dia a dia, que incluíam, dentre outras funções, a compra de bens de consumo em mercados e feiras. Na década de 1930, existia um espaço dedicado a este costume, um grande Mercado Municipal, localizado na área hoje ocupada pela Rodoviária de Belo Horizonte, no começo da principal via belorizontina, a Avenida Afonso Pena (Castriota & Carmo Passos, 1998)². O mercado era um lugar estratégico, servindo de parada para passageiros e cargas das viagens de trem, que encontravam outros transportes para destinos diversos da cidade. Tal região, no entanto, chamou a atenção no início dos anos 1930, por meio da atuação de Israel Pinheiro (1896-1973), então Secretário de Agricultura do Governador Benedito Valadares (1892-1973), que construiu a 'Feira Permanente de Amostras' no local.

A FEIRA PERMANENTE DE AMOSTRAS

Em meados de 1930, uma proposta inspirada nas grandes "Exposições Universais", e no período propagandista da época, seria adotada em Belo Horizonte, em um modelo que não foi experienciado em outras cidades do país: uma grande exibição de produtos, natural daquele período propagandista que se iniciava. O edifício criado para a 'Feira Permanente de Amostras' tomou o local do Mercado Municipal e seu estilo, em *art déco*, assinado pelo arquiteto Raffaello Berti, chegava com os ares das novas mudanças arquitetônicas, com a construção de múltiplos andares. Por certo tempo, o prédio da Feira e o Edifício Ibaté (esquina da Rua São Paulo com Afonso Pena) foram os maiores 'arranha-céus' da capital. Na fachada do prédio da Feira, além de um chamativo letreiro com seu nome, a 'hora certa' era estampada por um imponente relógio que tornou-se referência aos belo-horizontinos (Figura 1).

Inaugurado em 1936, a própria construção se tornou um enorme atrativo à população. O prédio tinha 24 mil metros quadrados, sendo três mil deles de área coberta. O espaço era, ainda, compartilhado por pavilhões isolados, parque de diversões, estádio esportivo, jardins (Brasil Revista, 1936)³ e um pequeno terminal rodoviário, aos fundos, inaugurado nos anos 1940.

¹ Andrade, M. O Noturno de Belo Horizonte. In **Crônicas de Malazarte VIII**. América Brasileira, Rio de Janeiro, ano III, n. 29. 1924.

² Castriota, L. B., CarmoPassos, L. M. O "estilo moderno": Arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40. Arquitetura da modernidade. In: CASTRIOTA, L. B. (Org.). Arquitetura da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

³ Brasil Revista, Os problemas essenciais da economia mineira. 1936.

Ademais, seu conteúdo também era bastante inusitado. Foi criado para ser uma porta de entrada a investimentos e ideal de feira onde seriam apresentados e expostos os melhores produtos obtidos em Minas Gerais: minerais, da agricultura, ou industriais. A Feira Permanente era local de visita e admiração, um proto-museu da capital. Assim narrou o Jornal de Minas, de 1936, no dia de sua abertura:

É que se trata de um acontecimento abrangentemente mineiro. Não é uma feira da capital, não é um mostruário de produção regional o que se vai ver. [...] É Minas inteira que comparece ao certame, com as suas riquezas peculiares, de acordo com a natureza de suas zonas [...]. E a Feira em si, pela sua finalidade econômica, já era um centro de interesse de valor indissimulável, mais ainda o seu valor avultado, pelo numeroso acervo de atrações que ela reúne, para prender dentro de seus muros os visitantes, em permanente encantamento (JORNAL MINAS GERAIS, 1936).



Figura 1: Imagem frontal do prédio da Feira Permanente de Amostras, de elevada torre e relógio, no começo da Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte, MG (Fonte: IBGE, sd.).

Não apenas uma “vitrine” para comércio e demonstração de itens produzidos pelo estado, a Feira apresentou seu acervo a um público diverso: estrangeiros, viajantes, alunos, turmas de colégios ou curiosos em geral.

Na predita Feira encontram-se mostruários de tudo quanto Minas produz atualmente, quer no campo das culturas agrícolas, seja nos das indústrias e exploração do seu subsolo, notadamente ouro, ferro e pedras preciosas. E o que não é susceptível de apresentação em mostruários, acha-se ali documentado por fotografias acompanhadas da respectiva exposição descritiva (Brasil, 1936)⁴.

Em 1937, a Feira Permanente de Amostras atraía grande público e nos quatro primeiros meses de abertura as exposições recebiam uma média de 1.700 pessoas por dia, funcionando sempre de 09:00 às 23:00h, de segunda a segunda (A Nação, 1937; A Noite, 1937)^{5 e 6}. Na revista 'O Malho' (RJ) de Janeiro de 1937, o periódico destaca que a Feira era:

*a única no gênero em todo o Brasil, recebendo constantemente elogios não só dos brasileiros que para Belo Horizonte afluem, como também de notáveis estrangeiros que por ali passaram. Em meados de Fevereiro de 1936, foi aberta em exposição permanente de produtos naturais (diamantes, minérios, etc.) e industrializados de todo o Estado. (...) Como curiosidade, na sessão de minérios está exposta uma pepita de ouro de 501 gramas, no valor real de 18:000\$000⁷, mas no estimativo de 50:000\$000. E' nessa magnífica exposição que se pode avaliar a riqueza de Minas Geraes: há ali **8.000 espécies**⁸ de minérios diferentes, vindos de todo o Estado.*

O estabelecimento de normas e criação de rotinas de exibição dos conteúdos da Feira deveriam ser rigorosos. Em 1940, um interessante documento publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais apresenta as "Instruções para o funcionamento da Feira Permanente de Amostras de Belo Horizonte" e, no artigo nº 5 do capítulo 2, apresenta as seguintes orientações para a exposição de minerais:

Os mostruários da produção mineral deverão ter etiquetas com a denominação científica e usual dos produtos expostos, sua procedência e utilização econômica, e abrangerão: a) coleções de valor científico; b) coleções de valor industrial, a saber: minérios propriamente ditos, minerais de aplicação industrial e minerais preciosos e semi-preciosos; c) águas minerais (Minas Gerais, 1940)⁹.

Dentre as amostras de minérios e minerais, o mais provável é entender que grande parte deste acervo (grifado na citação acima) estava apenas sendo exibido em vitrines e mostruários que eram em parte alugados, sendo mantida a posse de proprietários ou descobridores das peças em destaque. A Feira, portanto, destinava-se também à negociação de itens, como deixa suspeitar a notícia da descoberta, na lavra da Ariranha de Teófilo Otoni, de uma água-marinha de grande porte, 120 kg, que foi trazida de avião para a Feira Permanente para ser exibida e comercializada (Correio da Manhã, 1941)¹⁰. Um ano antes, a mesma lavra havia produzido um quartzo fumê de quase cinco toneladas, o Patriarca, que, em 1941, já fazia parte do acervo da Feira Permanente de Amostras (Figura 2).

⁴ Brazil, R. P. **Minas Geraes na grandeza do Brasil**. Belo Horizonte, 1936.

⁵ Jornal 'A Nação', Frequência da Feira Permanente de Amostras. 14 de março de 1937.

⁶ Jornal 'A Noite', Mensagem apresentada à Assembleia... 23 de agosto de 1937.

⁷ No valores atuais do grama de ouro, 24/07/24, este valor seria de R\$219.500,00

⁸ Ao se referir a "espécies", o autor da nota do jornal deveria estar se referindo a 'espécime', ou seja, seriam oito mil exemplares e não oito mil tipos de minerais.

⁹ Minas Gerais, Instruções para o funcionamento da Feira Permanente de Amostras de Belo Horizonte. Imprensa Oficial, Belo Horizonte. 1940.

¹⁰ Correio da Manhã, Encontrada em Minas uma água marinha de rara beleza, 30 de novembro de 1941.



Figura 2: O Governador Benedito Valadares (primeiro à esquerda) visita a Feira Permanente de de Amostras com o Embaixador Americano que toca o cristal de quartzo denominado 'Patriarca' (Fonte: Revista da Semana, 1942)¹¹.

São poucas as imagens e fotografias que ilustram o conteúdo da Feira Permanente ou que descrevem todo seu acervo. No entanto, um interessante vídeo, produzido em 1949 pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (Gabinete do Coordenador de Assuntos Interamericanos), apresenta uma série de minerais que estavam expostos. Minérios de ouro, ferro, manganês, cromo, alumínio, prata, níquel e zircônio, minerais como topázios, micas e quartzos, gemas produzidas a partir de ametistas, quartzo e águas-marinhas, réplicas de diamantes, além de barras e pepitas de ouro (Figura 3). Além de minerais, a Feira também exibiu equipamentos industriais e agropecuários, exemplares de produtos agrícolas como algodão, milho, café, feijão, laticínios, dentre outros. Um aquário exibia várias espécies da fauna ictiológica de Minas Gerais, assim como outros animais empalhados. Imagens e gráficos destacavam a produção estadual de itens, assim como eram exibidas fotografias e mapas de cidades do interior que se notabilizavam nos setores agrícola e extrativista (Minas Gerais, 1940).

Apesar de todo o sucesso da Feira Permanente, a necessidade crescente de mobilidade pública nas décadas seguintes fez o privilegiado espaço, no coração da cidade, ser convertido em uma rodoviária. Dessa forma, o prédio começou a ser demolido em 1963 por ordem do governador Israel Pinheiro, dando lugar para o 'Terminal Rodoviário Governador Israel Pinheiro', na Praça Rio Branco, estrutura projetada pelo arquiteto Éolo Maia, inaugurado em 1971¹².

¹¹ Revista da Semana, A visita do Embaixador Americano. 06 de junho de 1942

¹² Terminais BH. A Rodoviária - Rodoviária de BH. S/d. Disponível em <<https://rodoviariadebelohorizonte.com.br/a-rodoviaria/>> acesso 05 de agosto de 2024

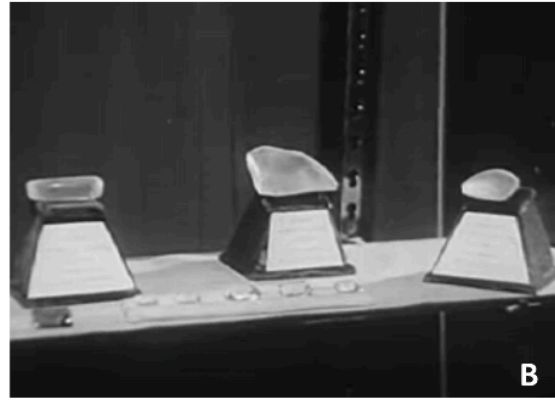


Figura 3: Exemplos expostos na Feira Permanente de Amostras: A - topázio incolor, B - réplicas de diamantes, C - gemas em ametista e quartzo, D - amostras de minério de zircônio, E - amostras de minério de ouro, F - minério de manganês, G - pepita de ouro e H - barras de ouro.

Com o fim da Feira Permanente de Amostras, o destino dos minerais é incerto. É bem provável que boa parte tenha sido devolvida a seus proprietários e que outra parte tenha sido enviada a demais departamentos governamentais. Em entrevista cedida em 2022, Cláudio Vieira Dutra - importante personagem da geoquímica brasileira - afirmou que parte dos minerais, minérios e até meteoritos ficaram expostos por certo tempo no *hall* de entrada do Instituto de Tecnologia Industrial (ITI), no prédio localizado na Rua da Bahia, no centro de Belo Horizonte.

O ITI era ligado à Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais (assim como era a Feira de Amostras) e teve à frente do 'Setor de Geologia e Geoquímica' um dos mais notáveis cientistas mineiros, Djalma Guimarães (1894 - 1973). No prédio da rua da Bahia, nº 52, análises de minerais, ensaios sobre a separação de componentes de rochas e a averiguação de equipamentos e metodologias contribuíram com um enorme salto tecnológico e propiciaram novas descobertas no estado. Destacam-se a exploração de fosfatos no oeste de Minas Gerais e a descoberta de uma grande jazida de pirocloro, em Araxá, que até hoje concentra a maior parte da produção mundial de nióbio (Dutra, 2002)¹³.

A CRIAÇÃO DO MUSEU DE MINERALOGIA PROFESSOR DJALMA GUIMARÃES (MMPDG)

Com o fim do Instituto em 1972, sete ex-funcionários ligados ao Estado se reuniram para dar andamento a um antigo projeto: criar um 'centro de memória da mineração'. Dentre os funcionários, estavam Cláudio Vieira Dutra, Willer Florêncio (que mais tarde foi professor de Química na UFMG) e Francisco Carlos Soares Filho. Francisco era engenheiro e trabalhou por 35 anos diretamente com Djalma Guimarães. Ele foi o responsável por propor a ideia do Museu à Prefeitura de Belo Horizonte e quem liderou a organização dos minerais da Feira Permanente de Amostras.

Em uma reportagem dada ao jornal *Jornal do Brasil* (de 04 de janeiro de 1975), Francisco afirmou que localizou parte do acervo da Feira de Amostras em 1972:

... no cômodo destinado à cozinha do terminal rodoviário. Depois descobri algumas pedras lapidadas na Secretaria de Agricultura. Esse material já havia passado pela Secretaria de Educação e cada vez que se mudava, as pedras se diluíam (Jornal do Brasil, 1975).

No ano seguinte, a morte de Djalma Guimarães seria o estopim para a criação do Museu que levaria seu nome. O espaço destinado para receber as peças seria o edifício do antigo Conselho Deliberativo de Belo Horizonte e Biblioteca Pública Municipal (atual Museu da Moda de BH). O prédio, localizado na esquina da rua da Bahia com a avenida Augusto de Lima, teve seu projeto arquitetônico assinado por Francisco Izidoro Monteiro e apresenta um estilo neogótico com

¹³ Dutra, C. V. A geoquímica analítica em Minas Gerais: de Gorceix ao Geolab – A contribuição do ITI. REM, Ouro Preto. 55, 2002.

releitura do estilo manuelino (iPatrimônio, sd.)¹⁴, caracterizado por criar castelos e igrejas da Europa no século XVI (Figura 4). Pela sua semelhança com as antigas construções, até hoje é conhecido como o “Castelinho da rua da Bahia”. Este prédio foi tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) através do Decreto nº 17.087/1975¹⁵.



Figura 4: fachada do prédio onde funcionou o MMPDG (Foto: Luciano Faria)

Através da Lei Ordinária nº 2.354/1974 do prefeito Oswaldo Pieruccetti (1909-1990), o Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães foi fundado e ficou subordinado à Secretaria Municipal de Cultura, Informação, Turismo e Esportes (Belo Horizonte, 1974)¹⁶. A mesma lei também criou o “cargo de Conservador Chefe do Museu”, atribuição que foi dada a Francisco Carlos Soares Filho. No dia do aniversário de Belo Horizonte daquele ano, 12 de dezembro de 1974, o Museu abria as portas para exibir o prédio histórico e o acervo com cerca “4 mil pedras preciosas e

¹⁴ IPatrimônio. Belo Horizonte - Museu da Moda. Disponível em <<https://www.ipatrimonio.org/belo-horizonte-museu-da-moda/>> acesso 26 de julho de 2024

¹⁵ Minas Gerais, Dispõe sobre o tombamento, e respectiva inscrição, do prédio do antigo Conselho Deliberativo... Decreto nº 17.087 de 13 de março de 1975.

¹⁶ Belo Horizonte. LEI Nº 2354 DE 13 DE AGOSTO DE 1974. Disponível em <<https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/1974/236/2354/lei-ordinaria-n-2354-1974-cria-cargos-de-provimento-efetivo-e-em-c-omissao-para-o-departamento-de-ensino-da-secretaria-municipal-de-educacao-e-contem-outras-providencias?q=mineralogia>> acesso 26 de julho de 2024.

semipreciosas, além de réplicas de exemplares famosos” (Jornal do Brasil, 1974)¹⁷. O próprio prefeito acompanharia, em diversas oportunidades, o andamento da montagem do Museu com conversas diretas com Francisco Carlos (Figs. 5 e 6).



Figura 5: o ‘Chefe’ do Museu, Francisco Carlos Soares Filho (de camisa branca sem paletó) recebe visitantes enquanto organiza o acervo do MMPDG (Crédito: APCBH/Museu de Mineralogia)



Figura 6: Francisco C. Soares Filho (no centro da foto à esquerda) recebe o prefeito de Belo Horizonte Oswaldo Pieruccetti (de óculos), em 1974, enquanto organiza a coleção de minerais no prédio da Rua da Bahia (Crédito: APCBH/Museu de Mineralogia).

Após dois anos, as amostras foram organizadas em vitrines com iluminação direcionada e acrílicos apresentando o nome de cada espécime em exposição (Figura 7).

¹⁷ Jornal do Brasil. Minas abre museu de mineralogia, 12 de dezembro de 1974

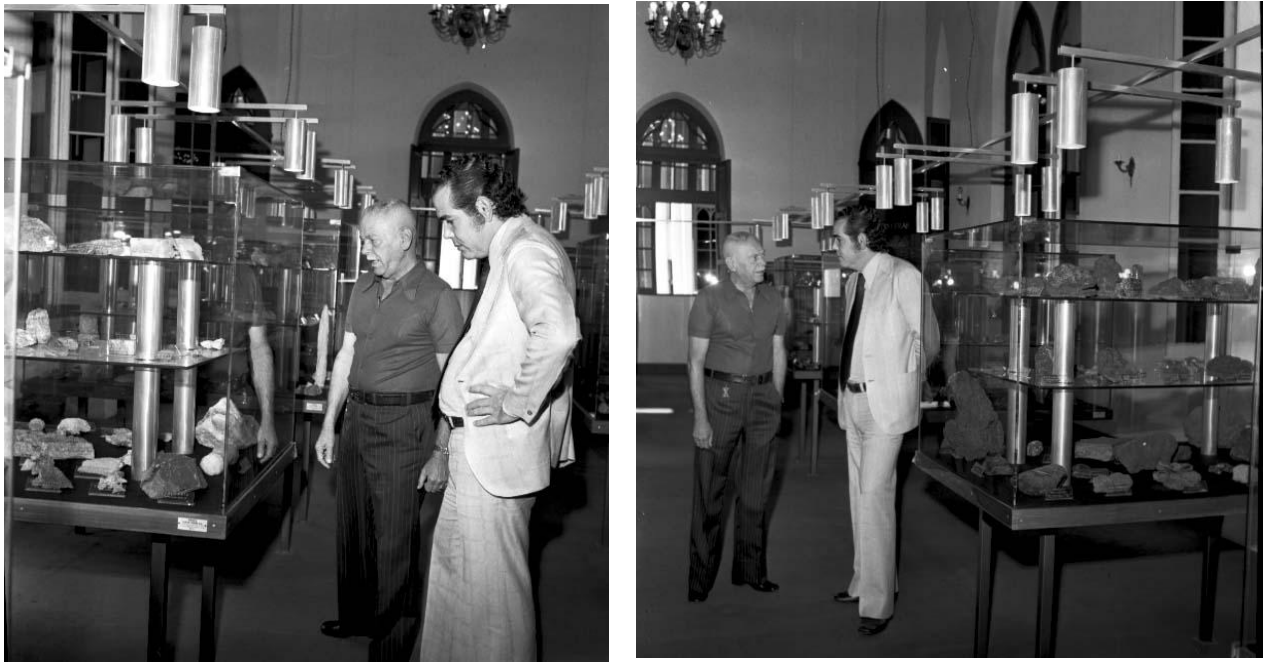


Figura 7: Aspectos das vitrines e exposição dos minerais e rochas no antigo MMPDG; na foto, o diretor Francisco Carlos Soares Filho (à direita) recebe o Secretário de Cultura, Juarez Bahia Mascarenhas (à esquerda) em uma visita em maio de 1976 (Crédito: APCBH/Museu de Mineralogia)

Após dois anos de sua inauguração, o diretor do Museu comemorava:

Cerca de 60 visitantes percorrem diariamente as galerias, incluindo comitivas estudantis que recebem aulas e informações sobre geologia, mineralogia e suas aplicações industriais. As aulas são dadas pelo professor Willer Florêncio, com assistência técnica do Museu. O acervo, já cadastrado, consta de 2 mil 063 amostras, sendo que grande parte das amostras se compõem de mais de uma peça, perfazendo um total de aproximadamente 4 mil. Dentre essas, algumas são únicas, como por exemplo duas fenacitas, uma albíta e as réplicas dos maiores diamantes, além das chamadas "anormalidades mineralógicas"¹⁸ (Jornal do Brasil, 1976)¹⁹.

As fenacitas ou fenaquitas são minerais compostos por silicato de berílio (Be_2SiO_4) que no passado eram confundidas com diamantes. Os dois exemplares são de grande porte, em tamanho de grande raridade e ainda hoje estão entre os principais destaques mineralógicos da exposição do MM Gerda (Figura 8).

¹⁸ Outras notícias davam informações sobre um "límpido" cristal de quartzo com ouro em seu interior que justificaram o título de "anormalidade"

¹⁹ Jornal do Brasil. Prédio manuelino abriga riquezas mineralógicas. 29 de outubro de 1976, Suplemento especial - Minas Gerais.



Figura 8: uma das fenaquitas de São Domingos do Prata (MG) exposta no MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal. Dimensões 11,0 x 9,5 x 5,0 cm

Em 1977, o Decreto Municipal nº 3150 (Belo Horizonte, 1977)²⁰ regulamentava e instruía funções a equipamentos ligados à Cultura e Turismo de Belo Horizonte e, dentre as novas proposta, definia os objetivos do MMPDG que ficaria à cargo de:

- I - pesquisar e analisar amostras de minerais e outros elementos compatíveis com as finalidades do Museu;*
- II - motivar o interesse para o estudo e conhecimento dos minerais;*
- III - classificar, expor e conservar peças do acervo;*
- IV - propor aquisição e permuta de peças para o Museu;*
- V - manter contato com entidades congêneres, escolas, associações ou empresas vinculadas ao trabalho desenvolvido pelo Museu, tendo por objetivo o melhor desempenho de suas finalidades;*
- VI - planejar e coordenar a realização de feiras de minerais em âmbito nacional e internacional;*
- VII - propor e organizar conferências, cursos, aulas, exposições e outras atividades condizentes com as atribuições do Museu;*
- VIII - desenvolver programas de aproveitamento didático-pedagógico do Museu.*

²⁰ Belo Horizonte, DECRETO Nº 3150, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1977.

Durante o período de funcionamento do MMPDG, duas obras bibliográficas foram produzidas. A primeira obra, “*Pequeno Histórico de Minerais*”²¹, destaca a criação do Museu e seu Prédio nas primeiras páginas, além de uma curta biografia de Djalma Guimarães, com atenção à sua produção bibliográfica. A seguir, o livro apresenta um glossário sobre termos comuns em mineralogia, assim como define e apresenta características de minerais, minérios e rochas (Figura 9A).

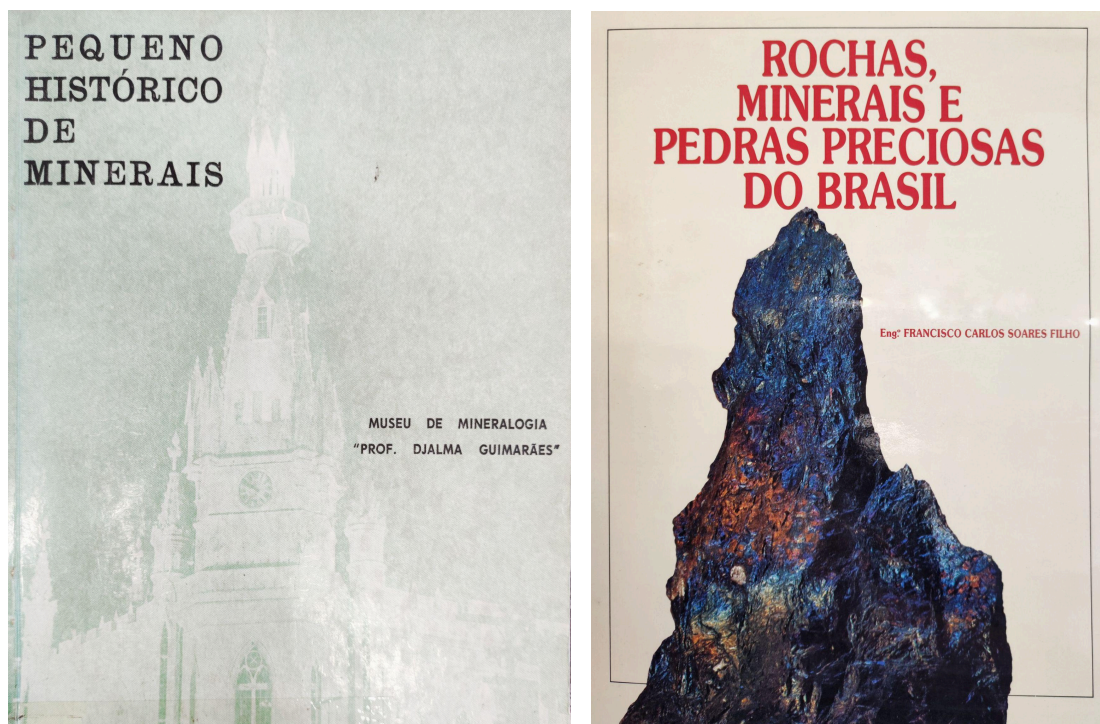


Figura 9: A (esq.) Capa do livro “*Pequeno histórico de minerais*”; B (dir.) Capa do primeiro volume da coleção “*Rochas, minerais e pedras preciosas do Brasil*”

A segunda obra, “*Rochas, minerais e pedras preciosas do Brasil*”²² (Figura 9B), é apresentada em três volumes e traz, em sequência alfabética, uma pequena descrição bilingue (português e inglês) dos minerais do acervo do MMPDG. Um conjunto de fotos do acervo encerra cada um dos três volumes, em imagens que não representam a origem, tamanho ou composição química dos exemplares.

Apesar do reconhecimento da prefeitura, da atenção da mídia e do empenho de seu diretor e de ex-funcionários do ITI, o MMPDG foi alvo constante de roubos e assaltos. Uma série de matérias jornalísticas, em pouco menos de 15 anos de funcionamento do Museu (Jornal

²¹ Belo Horizonte. **Pequeno histórico de minerais**. Imprensa Oficial, 1975

²² Soares Filho, F. C. **Rochas, minerais e pedras preciosas do Brasil**. 3 vols. Belo Horizonte, Consultoria de projetos e artes Ltda., 1^a (1989) e 2^a ed. (1990).

do Brasil, 1979²³; Jornal do Brasil, 1980²⁴; Última Hora, 1984²⁵; Jornal do Brasil, 1988²⁶; Jornal do Brasil, 1990²⁷), noticiaram o extravio de uma série de componentes do acervo. Dentre as peças apontadas como roubadas nestas notícias estão:

- i. *Duas barras de bronze banhadas a ouro e prata (1979);*
- ii. *200 g de ouro em pó (1979);*
- iii. *20 diamantes de um quilate (1980);*
- iv. *Pepitas de ouro (1980);*
- v. *Um microscópio do século XIX (1980);*
- vi. *Um límpido quartzo com ouro dentro (1980);*
- vii. *Três diamantes: um vermelho, um verde e outro azul (1980);*
- viii. *Réplicas dos diamantes mundialmente conhecidos: "Grão-mogol", "Pigot", "Tiffany" e "Estrela Polar" (1984);*
- ix. *Nove diamantes legítimos (1984);*
- x. *Amostra de ouro em conglomerado (1984);*
- xi. *Duas peças de metal, uma folheada a ouro e outra de prata (1984);*
- xii. *Seis réplicas de diamantes feitas de quartzo (1990).*

Em um dos furtos, o diretor do Museu, Francisco Soares, foi acusado pelo Secretário de Cultura de BH como possível suspeito, fato que muito desagradou ao diretor, que chegou a pensar em abandonar seu posto. No entanto, na matéria de 1988, a prisão do verdadeiro criminoso pôs fim à suspeita. E, se por um lado, os jornais listavam os extravios das peças, ao mesmo tempo contribuem para o entendimento do tamanho e raridade da coleção do MMPDG ao divulgar a existência de peças como:

- A. *Réplicas de diamantes como o Hope;*
- B. *Duas fenacitas raras que pesam um 1,3 kg e 0,9 kg;*
- C. *Uma Albita²⁸;*
- D. *Um diamante negro, de um quarto de quilates, de Dores do Indaiá;*
- E. *O maior quartzo do mundo com quase dois metros de altura e cinco toneladas e 700 quilos, denominado Patriarca;*
- F. *A pedra de Topázio, proveniente da Araçuaí, com 26 quilos;*
- G. *Uma peça de ouro cristalizado (ouro-quartzo) que veio de São João Del Rei;*
- H. *Pedras de urânio (que emitem cores azuis, verdes, amarelas sob a ação de luz ultravioleta) e de berilo;*
- I. *Uma amostra de mica em forma de estrela, incrustada em turmalina, originária de Espera Feliz (MG);*
- J. *Duas pepitas de ouro bruto com 300 gramas;*
- K. *20 diamantes brutos.*

Anos mais tarde, o reconhecimento pelo empenho foi dado a Francisco Carlos Soares Filho em duas oportunidades. Na primeira ocasião, foi condecorado com o Prêmio Djalma

²³ Jornal do Brasil, Museu Djalma Guimarães - um rico acervo de mineralogia, convite fácil aos ladrões. 26 de dezembro de 1979.

²⁴ Jornal do Brasil, Roubo em museu mineiro põe sob suspeita até seu fundador e diretor. 26 de dezembro de 1980.

²⁵ Última Hora, Polícia investiga roubo de pedras. 03 de novembro de 1984.

²⁶ Jornal do Brasil, Prisão de ladrão repara suspeita leviana - diretor de museu acusado de roubar peças esperou por três anos por prova de inocência. 15 de junho de 1988.

²⁷ Jornal do Brasil, Réplicas de diamante feitas de quartzo são levadas de museu. 26 de junho de 1990.

²⁸ "Albita" refere-se a um mineral da classe dos silicatos que pode formar grandes cristais brancos, normalmente associados a feldspatos e quartzo. O acervo do MMPDG aponta que algumas albitas estavam à disposição do Museu, dentre elas uma grande albita com quartzo fumê, hoje em exposição no MM Gerda.

Guimarães (1988)²⁹ e, no ano de 1991, o reconhecimento do Estado de Minas vem na forma de 'Voto de Congratulação'³⁰.

Em 1992, a queda de uma parte significativa do teto do 'Castelinho', como era conhecido o prédio que abrigava as amostras, provocou o fechamento do MMPDG no prédio da rua da Bahia. Após a intervenção do IEPHA para ações que envolviam reforma e restauro, a coleção de minerais foi guardada e o Museu ficou fechado até o ano de 2000.

O MMPDG NA PRAÇA DA LIBERDADE

Em abril de 2000, a antiga COMIG - Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, hoje CODEMIG, contratou uma nova equipe com profissionais de geologia para executar mais um levantamento do acervo do MMPDG, visando a assinatura do convênio firmado entre a Prefeitura de Belo Horizonte, a Secretaria Estadual de Minas e Energia e a COMIG. O convênio firmava que o MMPDG seria uma das unidades do Memorial da Mineração de Minas Gerais e ficaria sediado no prédio conhecido como "Rainha da Sucata", na Praça da Liberdade (Figura 10), cuja estrutura física a ser mantida pelo Estado e a de pessoal e administrativa pelo Município.

O edifício Tancredo Neves, mais conhecido pelo apelido "Rainha da Sucata", foi inaugurado em 1985 com o objetivo de ser um ponto focal de informações turísticas da Praça da Liberdade. Seu estilo pós-moderno, com sua fachada que valoriza os volumes dos prédios históricos vizinhos, trouxe uma variedade de formas e materiais de construção (metais, rochas ornamentais e vidraças), que imitavam os estilos arquitetônicos presentes na Praça. O projeto dos arquitetos Éolo Maia e Sylvio de Podestá chegou a ser chamado de "horroroso" por críticos da época (Perrota-Bosch, 2020)³¹, que não concordavam com sua construção. A partir dos anos 1990, com o sucesso de uma novela que narrava a construção de riqueza a partir de ferro-velho, 'Rainha da Sucata' é o nome que, desde então, tornou-se mais usual para identificar o edifício que, atualmente, está sob a tutela do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG). No espaço, o MMPDG ocupou os dois primeiros pisos do prédio, enquanto o subsolo se destinava à guarda de demais elementos que não estavam em exposição.

²⁹ Belo Horizonte. Decreto nº 6224, concede o prêmio Djalma Guimarães ao professor Francisco Carlos Soares Filho. 29 de dezembro de 1988.

³⁰ Minas Gerais. Requerimento Numerado, 742/1991. Requer a inserção nos Anais da Casa de um voto de congratulações com o dr. Francisco Carlos Soares Filho, diretor do Museu de Mineralogia, por sua dedicação na direção dessa entidade.

³¹ Perrota-Bosch, F. O edifício maldito. ArchDaily, 2020. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/934124/o-edificio-maldito>> acessi 01 de agosto de 2024.



Figura 10: Prédio conhecido como “Rainha da Sucata” (Foto: Cecília Pederzoli/TJMG)

No prédio ‘Rainha da Sucata’, os minerais ficavam expostos em seu estado natural, com exceção de algumas gemas (minerais lapidados). As principais vitrines localizavam-se no 1º andar do prédio e estavam organizadas pelas classes químicas dos minerais. Os acervos petrográficos (rochas) e fossilíferos eram expostos principalmente no 2º andar do prédio.

Apesar do tamanho do acervo originado do Castelinho da rua da Bahia, os relatórios apontaram que apenas uma pequena parte destas amostras mereciam destaque e valeriam a pena serem expostas – cerca de 343 peças. No conjunto de todas as amostras, mesmo aquelas que se encontravam nas vitrines, havia poucas com forma euédrica (forma cristalográfica perfeita), um número maior de subédricas (de poucas formas geométricas ou cristalinas) e um número bem mais significativo de amostras totalmente anédricas (sem nenhuma face, aresta ou vértice). Muitas amostras do último grupo serviriam apenas para atividades didáticas. Além disso, havia uma grande repetição dos minerais mais abundantes (como quartzo, calcita, pirolusita, hematita) e a carência de um maior número de amostras bem estudadas e de procedência bem definida, para utilização nas exposições e em trabalhos de educação.

Com relação ao acervo petrográfico (conjunto de rochas identificáveis por técnicas em mineralogia e química), cerca de 40 a 50 amostras foram recebidas por meio de doações, a maioria delas serradas e polidas e apresentando nomes comerciais. Já o acervo fossilífero

(restos inorgânicos de seres vivos e preservados) foi incrementado pela doação de duas amostras procedentes da Alemanha e três do Paraná. Além destas, foram obtidas junto à Universidade de São Paulo - USP, 74 réplicas de fósseis e icnofósseis de invertebrados e de vertebrados.

Durante o período de funcionamento (2000 a 2009), um novo inventário foi elaborado em 2004, tendo por base os anteriores Este foi o mais completo e utilizado até 2009 por conter informações sobre dimensão, localização, além da procedência, doador e nome das amostras, como nos anteriores.

ENTREVISTA COM VITÓRIA RÉGIA PERES DA ROCHA OLIVEIROS MARCIANO, EX-DIRETORA GERAL DO MUSEU DE MINERALOGIA PROFESSOR DJALMA GUIMARÃES

Por mais de 10 anos, o MMPDG teve como responsável uma forte mulher que usou sua criatividade, sensibilidade e vigor para manter abertas as portas de um espaço de divulgação científica como o Museu. Entre junho de 2000 e fevereiro de 2011 (Marciano, V. R. P. R. O., 2016)¹, Vitória Régia acompanhou a abertura e fechamento das portas do prédio MMPDG e o destino do acervo criado há décadas. No dia 12 de agosto de 2024, os autores deste artigo conduziram uma entrevista com a professora que surpreende a todos com carisma, alegria e memória infalível.

Vitória Régia se formou em História Natural pela UFMG, em 1968, um curso que propiciava formação para futuros professores de disciplinas como Biologia e Geociências (mineralogia e paleontologia). Nesta época, a formação em 'história natural' estava ligada à Faculdade de Filosofia da UFMG e o curso foi o embrião para o nascimento de dois dos maiores órgãos de ensino da UFMG – O Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e o Instituto de Geociências (IGC). Desde sua formatura, lecionou nos Ensinos Fundamental e Médio de tradicionais escolas de Belo Horizonte:

“eu ministrei aulas de biologia no Instituto de Educação, no Izabela Hendrix, no Colégio Batista e fiz concurso para a Universidade em 13 de agosto de 1970. Sendo aprovada, daí há uns 2 ou 3 anos, fiz o curso de especialização em geociências na UnB”.

Após se especializar, Vitória fez mestrado e doutorado, e por quase três décadas de trabalho, lecionava principalmente disciplinas ligadas à mineralogia e geoquímica. Ela se aposentou em 1998, quando então recebeu um importante convite. No fim dos anos 90, Estado e Município criaram uma comissão para avaliar a reabertura do MMPDG em novo local, desde o fechamento do prédio na rua da Bahia. Dentre os envolvidos, a UFMG foi convidada a fazer parte e ter representatividade no Museu. O professor Antônio Gilberto

Costa, na época diretor do IGC, convidou Vitória para dirigir o Museu, uma vez que os conhecimentos da professora Vitória Régia em mineralogia poderiam ser muito necessários no Museu. Seus primeiros desafios à frente do Museu foram a formação de equipe (desde portaria, equipe de limpeza e mediadores) para o atendimento ao público.

Uma das pessoas de papel essencial na organização do novo prédio foi Maria Lúcia Menicucci, funcionária da Prefeitura de Belo Horizonte, que “*era uma funcionária muito diligente, e ela tinha trabalhado no Museu, quando ele estava no Palacinho*” e guardava uma ótima memória do funcionamento do MMPDG no antigo prédio e foi de grande ajuda na administração e na memória do antigo espaço. Além de Maria Lúcia, Vitória também sugeriu a contratação de estagiários que estavam se formando em geologia para receber e guiar os visitantes do Museu. Seriam necessários quatro estagiários que apoiaram em diferentes escalas, tanto na mediação da coleção com visitantes quanto de propostas de programação e ações educativas exercidas pelo Museu.

Além das exposições permanente e temporárias (Figura 11), foi criada uma exposição itinerária que poderia ser levada para espaços como a rodoviária de Belo Horizonte, escolas e *shopping centers* de Belo Horizonte, com parte do acervo de minerais que não ficavam expostos no Rainha da Sucata - era o projeto ‘Museu Itinerante’. Cursos de mineralogia, petrografia e espeleologia atendiam grandes turmas e cumpriam com o dever educativo do Museu.



Figura 11: Um visitante estrangeiro conhece o interior do MMPDG, em 2007, no prédio Rainha da Sucata e avalia uma drusa de quartzo no primeiro piso (Disponível em: <https://dyeclan.com/outdooractivities/indoors/?page=museu-de-mineralogia-professor-djalma-guimaraes>)

Dentre tantos desafios, Vitória Régia lembra-se de momentos em que a busca por parte da coleção foi necessária: *“a gente foi buscar o resto do acervo que estava debaixo do viaduto Santa Tereza”*, em um depósito que funcionava como entreposto da CODEMIG. Outro desafio foi a organização do ‘Encontro Nacional de Museus de Geociências’ (com duas edições, uma em 2003 e outra em 2006). Incentivos para a compra de equipamentos e para o apoio em demais ações do Museu foram possíveis quando *“entramos no Ministério de Ciência e Tecnologia, montando projetos e concorrendo a verbas liberadas”*, essenciais para conquistar mais público em ações de divulgação do acervo.

Dentre as várias conquistas de seu período à frente do Museu, Vitória Régia destacou: *“a recuperação da memória do Museu, conquanto à entrega da Medalha Djalma Guimarães que havia sido paralisada por tantos anos e que foi retomada”*. Tal premiação é entregue até hoje aos alunos de geologia de maior destaque acadêmico junto às Instituições de Ensino Superior de Belo Horizonte e Ouro Preto (UFMG, Uni-BH e UFOP).

TRANSFERÊNCIA DO ACERVO MMPDG PARA O MUSEU DAS MINAS E DO METAL

Em 2009, técnicos contratados pela Fundação Municipal de Cultura (FMC) realizaram uma nova conferência do acervo geológico, visando a elaboração de uma lista para o termo de cessão do acervo ao Estado e sua transferência para o “Museu das Minas e do Metal” (MMM). Com base neste último inventário, a conferência do acervo geológico por uma comissão composta por representantes das três entidades envolvidas no processo de cessão dos acervos geológico e bibliográfico:

- Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte;
- Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais;
- Associação Mantenedora do Museu das Minas e do Metal.

A coleção, dessa forma, permanece na Praça da Liberdade, no entanto, agora passa a ocupar um dos Prédios mais simbólicos da capital mineira. O ‘Prédio Rosa’ (Figura 11), construído no fim do século XIX e inaugurado em 1897, que já recebeu as Secretarias do Interior (1897 a 1925) e da Educação (1925 a 1994), foi Centro de Referência do Professor – contando com exposições de materiais escolares – e, desde 2010, abriga o Museu das Minas e do Metal que, a partir de 2013, passa a se denominar MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal.

A verificação final do acervo geológico gerou uma lista de 3.728 registros, compostos principalmente por minerais, rochas, fósseis, meteoritos, objetos de exposição, publicações,

mapas, entre outros. Em março de 2010, a cessão da coleção do MMPDG passou do Município para o Estado, e do Estado para o novo museu. A abertura ao público do novo projeto expográfico para exibir a importante coleção ocorreu em 22 de junho de 2010 e o acervo geológico, foi disposto no MMM nos seguintes espaços: Inventário Mineral Djalma Guimarães, Chão de Estrelas e Miragens, sendo que, para incrementar tais exposições, foram adquiridas ainda 86 amostras pelo Grupo EBX.



*Figura 11: Prédio Rosa da Praça da Liberdade, lar atual do acervo de minerais do MMPDG
(Foto: Matheus Gramignia)*

No 'Inventário Mineral Djalma Guimarães', mais de 430 amostras estão até hoje em exposição, contendo minerais, gemas e meteoritos selecionados com o objetivo de abranger todas as classes químicas minerais e destacar os principais recursos de Minas Gerais e do Brasil (Figura 12). Em algumas destas vitrines, curiosidades e propriedades físicas minerais são apresentadas em vídeos, revelando que, além da surpreendente beleza, os minerais são essenciais no nosso dia a dia.

O Chão de Estrelas é apresentado como um planetário às avessas, onde dezesseis lunetas apontam para o chão (Figura 13), ampliando os minerais que compõem a riqueza de nosso subsolo e mostrando seus encantos e detalhes. Na sala Miragens, nove belas amostras minerais são expostas por um jogo de espelhos e reflexões, que parecem estar ao alcance das mãos, mas não estão.



Figura 12: acervo de minerais da coleção MMPDG exibidos no 'Inventário Mineral', da exposição permanente do MM Gerdau (Foto: Jomar Bragança)



Figura 13: 'Chão de Estrelas' do MM Gerdau (Foto: Jomar Bragança)

Atualmente, além do registro físico de cada amostra, a equipe de Acervo do MM Gerdau garante uma excelente experiência virtual por meio da plataforma Tainacan – plataforma de divulgação e documentação de Museus e suas coleções – na qual a maior parte dos

minerais é apresentada em excelentes fotos com sua descrição detalhada, dimensões, projeções em 3D, usos e curiosidades (Figura 14).

MM Gerdau Tainacan

Coleções

Voltar

Ordenação ▾



Modo de visualização ▾

Buscar coleções



Coleção 3D



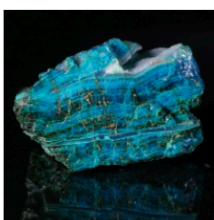
Esta coleção contém Modelos 3D de minerais do acervo do museu.

Minerais do Brasil



A Coleção Minerais do Brasil é uma exposição que contém apenas minerais de procedência brasileira, estando divididos de acordo com suas Províncias Mineralógicas de origem.

Exposição Inventário Mineral Djalma Guimarães – Andar das ...



O Inventário Mineral apresenta mais de 450 amostras, contendo minerais, gemas e meteoritos selecionados com o objetivo de abranger todas as classes químicas minerais e destacar os principais recursos de Minas Gerais e do Brasil.



Figura 14: página inicial do portal Tainacan do MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal (<https://acervo.mmgerdau.org.br/colecoes/>)

Além do Tainacan, que serve como uma espécie de catálogo multimídia das peças do acervo, o MM Gerdau exhibe ainda em seu site (www.mmgerdau.org.br) e mídias sociais demais opções ao público em ter contato com rochas, minerais ou mesmo arquivos, obras de arte, espaços do Prédio Rosa e ações de educação e pesquisa. O Google Arts and Culture, por exemplo, é um dos espaços onde o Museu³² exhibe, de forma virtual, em português e inglês, exposições de curta duração que foram apresentadas fisicamente e também projetos de pesquisa. Atingindo um público ainda mais diverso, Instagram e Facebook divulgam o #Amominerais, iniciativa que apresenta fotos do acervo relacionados a um tema específico (por exemplo, “Amostras do Inventário Mineral” de agosto de 2024).

³² A página pode ser acessada pelo link: <https://artsandculture.google.com/partner/mm-gerdau-museu-das-minas-e-do-metal>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandes coleções são sempre muito difíceis de serem criadas e levam tempo para serem adquiridas. Ademais, assim como nos informam Pedrão e Bizelo (2016)³³, as coleções devem ser tratadas como “um patrimônio, mostrando como essas junções de objetos constituem a história e a memória da sociedade em que se inserem”. Conhecer suas origens e entender como se mantiveram ao longo do tempo tornam-se ferramentas historiográficas tão importantes como a consulta a documentos de fontes primárias ou narrativas orais. É uma trajetória que trilha os caminhos para a criação de espaços museais na capital de Minas Gerais e que denotam a valorização de um acervo natural de valor incomensurável.

³³ Pedrão, B. Z. Bizelo, M. L. As coleções como patrimônio: um meio para a preservação da história e da memória. Anais do VI SECIN, Londrina. 2016.